AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais
e-ISSN 2238-6912 | v.14, n.27, Jan./Jun. 2025 | p.9-40

A COOPERAÇÃO SINO-RUSSA E SEUS IMPACTOS NA ÁSIA CENTRAL

Giorgio Romano Schutte[1]
Diego Noveli Valadares[2]

1. Introdução

A relação entre Rússia e China tem sido amplamente debatida na geopolítica contemporânea, especialmente após 2014, quando os dois países passaram a estreitar sua cooperação diante de desafios comuns. A percepção de que a primazia dos Estados Unidos representa uma ameaça aos seus interesses nacionais impulsionou uma parceria estratégica, consolidada em resposta a fatores como a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção à Rússia, as tensões no Indo-Pacífico, as sanções econômicas contra Moscou e as disputas comerciais e tecnológicas entre Washington e Pequim. Diante desse cenário, ambos os países buscam alternativas ao sistema internacional dominado pelo Ocidente, fortalecendo sua autonomia em setores como energia, defesa e tecnologia. Essa dinâmica se reflete de maneira significativa na Ásia Central, uma região tradicionalmente considerada parte da esfera de influência russa, mas que tem experimentado uma crescente presença chinesa, impulsionada pela Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, na sigla inglesa). Nesse contexto, surge uma questão central: as estratégias de Moscou e Pequim configuram uma competição por hegemonia na região ou apontam para uma possível articulação complementar de interesses? Essa interrogação, que coloca em pauta a própria natureza da relação entre as duas potências, abre caminho para debates mais amplos

1 Universidade Federal do ABC, Santo André, Brasil. E-mail: giorgio.romano@ufabc.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5225-469X.

2 Universidade Federal do ABC, Santo André, Brasil. E-mail: diegonoveliv@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4214-1402.

sobre a capacidade da Rússia de preservar sua influência frente à expansão chinesa e sobre os rumos da parceria estratégica entre ambos.

Parte dos analistas defende que a Rússia já não é o principal ator, tendo sido superada pela China, cujo poder econômico e investimentos estratégicos lhe conferem uma posição dominante (Higgins 2022; Shetty 2024). Outros argumentam que o poder russo está em declínio, o que pode resultar em uma perda gradual de protagonismo em relação à ascensão chinesa (Akromov 2024; de Waal 2024; Dzhuraev and McGlinchey 2022; Kashgarian 2022; Saivetz 2023). Além disso, há interpretações que sugerem que a guerra na Ucrânia alterou a dinâmica entre Rússia e China, transformando-os em competidores que buscam ampliar sua influência na região (Hua 2024). Por outro lado, algumas análises afirmam que, apesar do avanço chinês, a Rússia permanece um importante ator na região e que os interesses comuns entre os dois países podem mitigar potenciais disputas, conduzindo a uma gestão compartilhada que beneficie ambas as potências (Gabuev and Umarov 2023; Lass 2022).

Por conta disso, este artigo tem como objetivo analisar a dinâmica da cooperação sino-russa na Ásia Central, investigando como a divisão funcional entre as influências russa e chinesa se configura no contexto geopolítico atual. Justifica-se a pesquisa pela necessidade de compreender os mecanismos que permitem a coexistência e, por vezes, a complementaridade entre as duas potências, em um cenário marcado por sanções, reconfigurações de poder e transformações nos fluxos comerciais e de investimentos. A partir deste enfoque, busca-se oferecer uma contribuição teórica e empírica para os debates contemporâneos em relações internacionais, evidenciando os desafios e as oportunidades gerados pela presença combinada de Moscou e Pequim na região.

Para responder a essa questão, o artigo adota uma abordagem metodológica que articula análises qualitativas e quantitativas. Combinam-se revisão crítica da literatura especializada em geopolítica, relações sino-russas e Ásia Central com a interpretação de dados econômicos e estratégicos provenientes de fontes como o Banco Mundial e institutos regionais. O recorte temporal concentra-se no período pós-2014, marcado por eventos-chave que redefiniram a dinâmica regional: a implementação da Iniciativa Cinturão e Rota (2013), a anexação da Crimeia (2014) e a retirada parcial dos EUA do Afeganistão. Esses marcos não apenas aceleraram a reconfiguração do equilíbrio de poder na Ásia Central, mas também evidenciaram a capacidade de Moscou e Pequim de adaptarem suas estratégias a um cenário de interdependência assimétrica.

A investigação abrange diferentes eixos de influência na Ásia Central,

considerando os múltiplos fatores que moldam a dinâmica regional. No campo militar, analisa a presença estratégica russa, incluindo bases militares, acordos de segurança e o papel da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) na estabilidade regional. Na esfera produtiva, examina os fluxos de Investimento Estrangeiro Direto (IED) e a atuação de empresas russas e chinesas em infraestrutura e setores estratégicos. A dimensão financeira é explorada por meio da articulação dos sistemas bancários, das remessas de trabalhadores migrantes e dos fluxos de capitais que sustentam a presença econômica de Moscou e Pequim. Além disso, a tecnologia e a educação são abordadas a partir da expansão da Digital Silk Road, das parcerias tecnológicas e da presença de instituições educacionais russas. A influência cultural russa também se mostra relevante, especialmente pelo uso do idioma russo como língua franca, pela difusão de conteúdo midiático e pela preservação de laços históricos e acadêmicos com os países da região. No comércio, a análise se concentra nos intercâmbios entre a Ásia Central, Rússia e China, observando padrões de exportação, importação e reexportação. A questão energética também se destaca, com ênfase no transporte e comercialização de petróleo e gás natural, recursos essenciais para a configuração geopolítica regional.

A análise sustenta que, embora a Rússia tenha cedido espaço econômico à China na região, sua relevância persiste por meio de outros mecanismos, como laços históricos, acordos de segurança coletiva e interdependência energética. Paralelamente, argumenta-se que a cooperação sino-russa não se baseia em mera convergência tática, mas em uma gestão estratégica de complementaridades: enquanto a China prioriza investimentos em infraestrutura e conectividade, a Rússia reforça seu papel como garantidor da estabilidade política e militar. Essa divisão funcional, associada à desconfiança mútua em relação à ordem internacional liderada pelo Ocidente, cria incentivos para a manutenção da parceria, mesmo em contextos de assimetria. Ao integrar dimensões militares, financeiras e culturais, o estudo busca não apenas contestar narrativas sobre a inevitabilidade do conflito entre as potências, mas também demonstrar como a Ásia Central se tornou uma região para a coexistência pragmática entre projetos de poder distintos.

O artigo está organizado em cinco seções: a presente introdução, três seções centrais e, finalmente, as considerações finais. Na segunda seção, discute-se como a Rússia emprega mecanismos militares, políticos e econômicos para preservar seu papel tradicional na região. Em seguida, a terceira seção explora a estratégia chinesa, com ênfase nos investimentos, na expansão da BRI e na consolidação de sua presença econômica e tecnológica. A quarta seção, por sua vez, examina a perspectiva dos países da Ásia Central, destacando sua capacidade de ação, a identificação de oportunidades e suas

estratégias de negociação diante da dualidade de influências de Moscou e Pequim. Além disso, essa análise será relacionada ao cenário mais amplo da crescente dependência da Rússia em relação à China, evidenciando como essa dinâmica molda o espaço de manobra dos Estados centro-asiáticos dentro do equilíbrio geopolítico regional. Por fim, as considerações finais sintetizam os debates e apontam direções para futuras investigações sobre os desafios e as potencialidades dessa dinâmica geopolítica.

2. A perspectiva russa na Ásia Central

No quesito militar, a retirada parcial das tropas estadunidenses do Afeganistão em 2014 reduziu a sensação de segurança dos governos da Ásia Central. Nesse vácuo, a Rússia intensificou sua presença regional, deslocando tropas e realizando exercícios militares com o Tajiquistão e o Quirguistão no âmbito da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) (Collins 2014). O fortalecimento russo ficou evidente com o fechamento, ainda em 2014, da última base aérea estadunidense na Ásia Central – no aeroporto de Manas, Quirguistão – e com a aproximação militar decorrente da transição pacífica de poder em 2017, quando Sooronbay Jeenbekov demonstrou interesse em instalar uma segunda base russa e expandir as instalações militares em Kant e Karakol (Kainazarova 2018; Tan 2020). A assinatura da Convenção Sobre o Estatuto Jurídico do Mar Cáspio em 2018 – entre Rússia, Irã, Azerbaijão, Turcomenistão e Cazaquistão (Skalamera 2018) – também pode ser vista como uma ampliação dos interesses russos na segurança regional. Ao estabelecer normas para a delimitação de águas internas, territoriais e zonas de pesca exclusivas, e ao declarar o Cáspio como uma zona de paz, proibindo forças militares de Estados não-litorâneos, a Convenção respondeu, em parte, aos acordos de 2010 entre o Cazaquistão e os Estados Unidos, reforçando o esforço russo de restringir a presença militar estrangeira (Labardini 2021; Pradhan 2019).

Importa destacar, contudo, que, mesmo com essa intensificação, eventos recentes revelam uma influência russa permeada por contradições. No Quirguistão, em 2020, alegações de fraude nas eleições desencadearam intensos protestos, culminando na renúncia de Jeenbekov e na ascensão de Sadyr Japarov. Embora o novo governo adotasse uma postura pró-Rússia, Moscou permaneceu ambígua, evitando uma intervenção direta apesar da presença de bases russas em território quirguiz e da participação do país na OTSC (Mikovic 2020). Em 2021, conflitos fronteiriços entre quirguizes e tajiques, oriundos de desentendimentos em áreas contestadas, evoluíram para confrontos armados e forçaram a negociação pela desmilitarização das zonas

em disputa. A rápida mediação, incentivada por vizinhos como Uzbequistão e Cazaquistão e também pela Rússia, evidenciou a relutância de Moscou em agir de forma enérgica, para não expor as fragilidades do bloco (Pantucci and Soliev 2023; Sullivan 2021).

Em contraste, a OTSC interveio de forma mais decisiva no Cazaquistão em 2022. Protestos violentos, decorrentes do aumento dos preços do combustível e de problemas socioeconômicos, levaram o presidente Tokayev a solicitar intervenção, alegando a ameaça de grupos terroristas treinados no exterior. O envio de um contingente de 4.000 soldados para manutenção da paz reafirmou o papel da Rússia como garantidora da segurança regional – além de estabelecer um precedente para a cooperação militar na Ásia Central (Denisov 2022; Santos 2022). Contudo, a operação, predominantemente simbólica e de curta duração, expôs limitações da OTSC e da estratégia russa, funcionando mais como um gesto de presença do que como uma intervenção robusta – possivelmente influenciada, inclusive, por interesses chineses na região (Davidzon, Libman and Saggar 2023).

A guerra na Ucrânia também gerou consequências indiretas na Ásia Central, onde os países mantiveram uma postura tradicional de neutralidade – sem apoiar abertamente a agressão, nem condená-la – replicando atitudes observadas na anexação da Crimeia em 2014 e na guerra contra a Geórgia em 2008 (Engvall 2023). Embora tais posições tenham evitado rupturas drásticas, o conflito estimulou atritos e incentivou esforços para diversificar parcerias, sem, no entanto, alterar significativamente as relações históricas na região. O episódio que mais tensionou as relações entre Moscou e os Estados centro-asiáticos ocorreu com o Cazaquistão. No Fórum Econômico de São Petersburgo, em 2022, o presidente cazaque declarou que seu país não reconheceria Lugansk e Donetsk como repúblicas independentes (Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Kazakhstan 2022) e sinalizou a busca por rotas alternativas para a exportação de petróleo. Em resposta, Moscou aprovou – e posteriormente reverteu – uma lei que ameaçava fechar o CPC, importante oleoduto para o Cazaquistão, sob alegações ambientais. Alarmado, o Cazaquistão passou a diversificar suas parcerias militares, adquirindo drones estadunidenses, firmando um acordo de cooperação com o Reino Unido, assinando quatorze acordos bilaterais com a Turquia e garantindo a produção de drones turcos em seu território (Fernandes and Grantseva 2023).

Outros países da região também buscaram diversificar suas fontes de armamento, movidos por dúvidas sobre a capacidade da Rússia de manter a segurança – sobretudo após a realocação de recursos militares de bases no Quirguistão e Tajiquistão para o conflito ucraniano (Engvall 2023; Hess 2023). Assim, Uzbequistão e Quirguistão intensificaram a busca por novos parceiros estratégicos: o Uzbequistão estreitou laços com a Turquia, assinou

acordos de cooperação militar e contatou os Estados Unidos para a aquisição de drones, enquanto o Quirguistão optou por drones turcos e cancelou exercícios militares da OTSC previstos para 2022 (Fernandes and Grantseva 2023).

No entanto, apesar dos esforços dos países centro-asiáticos para diversificar seus fornecedores de armamento, a influência militar da Rússia na região permanece significativa. Essa presença é sustentada por bases militares, armamentos subsidiados e acordos de segurança que limitam a aproximação de outros atores (Gabuev and Umarov 2023). Moscou continua a ser o principal fornecedor de armas para a região, desempenhando um papel central nas importações militares desses países (Carteny and Pizzolo 2022). Além disso, a OTSC, apesar de suas contradições e fragilidades — evidentes em sua resposta irregular a crises políticas internas e conflitos fronteiriços —, continua a desempenhar um papel relevante na segurança regional. Por meio da organização, a Rússia promove exercícios conjuntos que reforçam a interoperabilidade entre suas forças e as dos países centro-asiáticos, além de manter bases militares com contingentes prontos para resposta rápida a crises, consolidando sua influência estratégica na região. Assim, mesmo diante de desafios e tentativas de redução da dependência, o Kremlin segue como o principal ator militar na Ásia Central, consolidando sua posição estratégica na segurança regional.

Sob o ponto de vista produtivo, grandes alterações ocorreram a partir de 2022, quando a guerra na Ucrânia e as sanções ocidentais impuseram novos desafios à Rússia, ao mesmo tempo em que abriram oportunidades para uma reconfiguração de sua presença econômica na Ásia Central. As sanções sofridas por Moscou resultaram em um grande êxodo de empresas russas, que migraram para a região a fim de evitar barreiras comerciais e garantir o recebimento de pagamentos em moeda estrangeira (Hugot and Mogilevskii 2023). No Cazaquistão, a partir de março de 2022, o número de empresas russas aumentou significativamente, com um acréscimo de 500 a 800 novas entidades por mês e um pico de 1.100 realocações em agosto de 2022. Em abril daquele mesmo ano, registrou-se um total de 15.400 empresas com capital russo, um aumento de 4.000 empresas em relação a janeiro de 2022 (Osipova and Vasil'kova 2022). Em 2023, aproximadamente metade das empresas estrangeiras no país era de origem russa, e os investimentos russos atingiram um estoque de US$ 13 bilhões (Eurasian Development Bank 2023, 6). O movimento de realocação não se restringe ao Cazaquistão. Nos primeiros oito meses de 2022, o Quirguistão registrou 546 empresas com capital russo – o dobro do registrado no mesmo período do ano anterior – enquanto no Uzbequistão, das 14.500 empresas estrangeiras, 2.700 são de origem russa, superando o número de registros de empresas turcas (203) e chinesas (149) nos primeiros sete meses do mesmo ano (Osipova and Vasil'kova 2022).

No conjunto, mais de 24 mil empresas com capital russo operam na Ásia Central, representando investimentos superiores a US$ 38 bilhões. Nesse novo cenário, a Rússia tem buscado desenvolver joint ventures com países centro-asiáticos para a produção de componentes de engenharia mecânica, bem como equipamentos e sistemas de digitalização e automação de processos produtivos (News Central Asia 2024). Dessa forma, essa migração empresarial reflete uma adaptação estratégica de Moscou às sanções e um fortalecimento dos laços econômicos com a Ásia Central. A crescente interdependência produtiva entre a Rússia e a região não apenas mitiga os impactos das restrições ocidentais, mas também reposiciona Moscou como um ator econômico importante nos setores estratégicos centro-asiáticos. Esse movimento consolida a presença russa na economia regional, reforçando sua influência e garantindo que, apesar dos desafios geopolíticos, sua participação na esfera produtiva da Ásia Central continue relevante.

No setor financeiro, por sua vez, também se observa uma interdependência entre Moscou e os países centro-asiáticos, o que tem sido um fator essencial para a manutenção da influência russa na região. Após as sanções impostas em 2014, a Rússia intensificou suas iniciativas para reduzir os reveses econômicos, promovendo uma união econômica regional e ampliando a integração com os países da Ásia Central, com o objetivo de atenuar o impacto das sanções, reduzir a dependência do dólar e reforçar os laços econômicos e políticos (Krapohl and Vasileva-Dienes 2020; Laitinen 2018). Contudo, essa estratégia ambígua, que fortalece a influência russa, também expõe fragilidades estruturais dos sistemas financeiros dos países parceiros, fato agravado pelas sanções mais severas de 2022 (Ozat 2023; Vaulgrenant 2023; World Bank 2025).

Para compreender melhor o impacto dessa estratégia, destaca-se a criação da União Econômica Eurasiática (UEE) em 2014. Essa nova iniciativa, desenvolvida pela Rússia em conjunto com Cazaquistão, Belarus e Armênia (Krapohl and Vasileva-Dienes 2020), expandiu-se rapidamente com a entrada do Quirguistão, que recebeu promessas de investimentos em seu setor energético e garantias de direitos para seus trabalhadores na Rússia (Laitinen 2018). Ela estabeleceu uma união aduaneira com o intuito de promover a livre circulação de trabalho, bens, serviços e capital. O tratado que institui a União confere-lhe identidade jurídica própria e capacidade para conduzir atividades internacionais, focando na resolução de desafios comuns entre os Estados-membros. Essa amplitude de cooperação se manifesta na criação e expansão de mercados comuns, como os de dispositivos médicos e eletricidade, e na previsão de futuros mercados financeiros e de energia (Belitski and Pomerlyan 2023). No entanto, apesar de representar um esforço de integração mais profundo, a UEE também enfrenta tensões internas,

evidenciadas por conflitos relacionados à coordenação das políticas monetárias e críticas à desvalorização do rublo, que pode prejudicar a competitividade de alguns membros (Joireman, Tulepbayeva and Vanderhill 2020; Kazantsev, Medvedeva and Safranchuk 2021).

Em paralelo, a criação do Sistema de Transferência de Mensagens Financeiras em 2014 marcou um esforço da Rússia para contornar as sanções, facilitando pagamentos transfronteiriços com a adesão de bancos centro-asiáticos e parcerias com instituições financeiras russas. Essa integração permitiu a realização de transações internacionais por meio de cartões de crédito e débito, além de fundos e transferências eletrônicas, aproximando os sistemas financeiros da região do modelo russo. No entanto, a intensificação dessa integração trouxe desafios, como a oscilação conjunta das moedas locais com o rublo, que pode elevar o custo das dívidas denominadas em dólares e impactar a inflação dos países centro-asiáticos (Barrios et al. 2023).

Esses atritos e desafios revelam uma situação complexa, na qual a interdependência fortalece a presença russa, mas também gera conflitos e incertezas na condução das políticas monetárias. Porém, mesmo com esses atritos, a capacidade de mudanças financeiras na Rússia afetarem os países da Ásia Central já demonstra uma influência considerável de Moscou na região, influência essa que se mantém ainda mais presente por meio de mecanismos como o fluxo de remessas enviadas por trabalhadores migrantes centro-asiáticos que vivem na Rússia para seus países de origem. A crise gerada pela guerra na Ucrânia impulsionou a migração de trabalhadores da Ásia Central para a Rússia, elevando as remessas para níveis recordes em 2022 – com um aumento de 50% – e contribuindo significativamente para os PIBs regionais. A importância das remessas para os países da região é evidente, tendo representado 20% do PIB uzbeque, 26% do quirguiz e 49% do tajique em 2022 (Ozat 2023; Vaulgrenant 2023; World Bank 2025).

Observa-se, assim, que a integração financeira entre a Rússia e os países da Ásia Central pode ser interpretada como uma estratégia de coordenação monetária que, em determinados aspectos, contribui para a estabilidade econômica regional. No entanto, essa abordagem – baseada na manutenção de fluxos de remessas, na articulação dos sistemas bancários e na consolidação de mecanismos como a União Econômica Eurasiática – apresenta limitações significativas. A incapacidade russa de suprir de forma abrangente as demandas de liquidez e crédito da região reflete os desafios impostos por sanções internacionais e as fragilidades estruturais do próprio sistema financeiro do país. Ainda assim, a interdependência monetária permanece um fator central na dinâmica econômica centro-asiática. Mudanças internas na economia russa, como oscilações no rublo ou restrições financeiras decorrentes de sanções, continuam a impactar diretamente

os países da região, evidenciando que Moscou, apesar de suas debilidades, mantém uma influência financeira relevante na Ásia Central. Esse vínculo persistente reforça a resiliência da presença russa, ainda que em um cenário de desafios e crescente necessidade de adaptação.

No campo cultural, a Rússia mantém uma presença significativa na Ásia Central, sobretudo devido ao amplo uso da língua russa, que lhe confere vantagens nos setores midiático e acadêmico (Laruelle 2014). No setor de mídia, o governo russo tem explorado essa influência linguística como ferramenta de soft power, promovendo a expansão de canais e agências de notícias como Rossotrudnichestvo, Russkii Mir e Russia Today. Essas iniciativas são facilitadas pela ampla audiência dos produtos jornalísticos russos na Ásia Central, onde, devido às restrições à liberdade de expressão, os meios de comunicação russos são frequentemente percebidos como mais profissionais e confiáveis (Freeman 2017; Kosmarskaya and Kosmarski 2019). Já no âmbito acadêmico, a Rússia mantém forte presença educacional na região, com 25 filiais de universidades distribuídas entre Cazaquistão (6), Quirguistão (2), Tajiquistão (3) e Uzbequistão (14). Além disso, em 2023, cerca de 185.000 estudantes centro-asiáticos estavam matriculados em instituições russas, incluindo 60.000 do Cazaquistão, 46.000 do Uzbequistão, 31.000 do Turcomenistão, 30.000 do Tajiquistão e 16.000 do Quirguistão, sendo que aproximadamente 40% deles recebem apoio financeiro do governo russo (Russian... 2023).

Diante desse panorama, observa-se que a Rússia continua a desempenhar um papel central na Ásia Central, sustentando sua influência por meio de sua presença militar, da interdependência econômica e financeira e da manutenção de laços culturais e educacionais. Apesar das fragilidades, como as sanções internacionais e a busca dos países centro-asiáticos por outros parceiros, Moscou ainda preserva elementos estratégicos que lhe conferem resiliência, como sua liderança na OTSC, sua capacidade de projetar poder na região por meio de bases militares e sua forte inserção nas dinâmicas produtivas e financeiras centro-asiáticas. Além disso, a língua russa e a presença de instituições educacionais e midiáticas seguem como instrumentos eficazes de soft power, reforçando a influência cultural do Kremlin. Assim, ainda que sua predominância esteja sendo contestada, a Rússia permanece um ator fundamental na configuração política, econômica e securitária da Ásia Central.

3. A perspectiva chinesa na Ásia Central

Embora a China tenha ampliado sua presença militar na Ásia Central,

seu envolvimento na região permanece predominantemente econômico. De fato, houve um crescimento na cooperação em segurança: países como Uzbequistão, Turcomenistão e Tajiquistão intensificaram a aquisição de armamentos chineses, e o Tajiquistão, em particular, passou a integrar mecanismos regionais como o Mecanismo Quadrilateral de Cooperação e Coordenação (Fernandes and Grantseva 2023; Kazantsev, Medvedeva and Safranchuk 2021). Além disso, a participação da China nas importações militares da região aumentou de 1,5% entre 2010 e 2014 para 18% no período de 2014 a 2019. No entanto, esse avanço ainda é limitado, especialmente se comparado à influência russa, que no mesmo período respondeu por 62% das importações militares da Ásia Central (Carteny and Pizzolo 2022).

Dessa forma, embora Pequim tenha expandido sua atuação no setor de defesa, sua presença na Ásia Central continua sendo predominantemente econômica. Isso se evidencia no anúncio de US$ 3,7 bilhões em investimentos durante a Cúpula China-Ásia Central de 2023 e na assinatura da Declaração de Xi'an, que reiterou o compromisso com a segurança e a estabilidade regional sem implicar a formação de uma aliança militar formal ou desafiar diretamente a posição dominante da Rússia. Essa estratégia, centrada no desenvolvimento, é amplamente aceita por Moscou, que vê a estabilidade da região como essencial para a manutenção de sua própria influência (Gabuev and Umarov 2023; Nelson 2023). Assim, enquanto a Rússia segue como o principal ator em questões de segurança devido à sua presença militar, a China consolida sua liderança no campo econômico, ampliando investimentos e infraestrutura sem provocar um rompimento com a influência russa.

Sendo assim, é necessário iniciar a análise das questões produtivas, destacando-se o papel dos investimentos chineses, sobretudo porque, no mesmo período em que Pequim expandia sua presença econômica na região por meio da BRI, Moscou reduzia significativamente seus investimentos externos. Em 2014, esses investimentos alcançaram US$ 57,08 bilhões, mas a partir de 2015 houve uma queda de 61,3%, caindo para US$ 22,09 bilhões, com níveis relativamente baixos persistindo nos anos seguintes – US$ 22,31 bilhões em 2016 e US$ 36,76 bilhões em 2017 – e um impacto severo em 2020, quando atingiram apenas US$ 5,85 bilhões, representando uma redução de 89,7% em relação ao pico (World Bank 2025). Nesse mesmo período, a China consolidou sua influência por meio do lançamento da BRI, que não só ampliou o volume de seus investimentos na região, mas também diversificou sua atuação em setores como telecomunicações, indústria, manufatura, construção e serviços.

Projetos importantes foram implementados em diversos países: no Tajiquistão, investimentos substanciais em energia, transporte e agricultura,

com destaque para a construção de uma usina termelétrica e projetos de infraestrutura como a rodovia Khojend-Isfara e a renovação de hidrelétricas; no Turcomenistão, a parceria chinesa impulsionou o desenvolvimento de comunicação, transporte e infraestrutura, inclusive com a construção de uma ferrovia que conecte o país à China, Cazaquistão e Irã (Hoh 2019). O governo do Quirguistão também se voltou para a China para superar desafios estruturais, como a carência de infraestrutura que inviabiliza o aproveitamento de seus vastos depósitos minerais. Em resposta, Pequim reabilitou diversas rodovias e modernizou redes viárias e de transmissão de energia, visando promover a integração nacional e facilitar o transporte entre as regiões do país – projetos que o Quirguistão, por si só, não poderia financiar (Karikeev and Zhu 2019).

De forma similar, o Uzbequistão tem se beneficiado de projetos ferroviários, como a ferrovia China-Quirguistão-Uzbequistão, que busca facilitar o acesso ao mar, além de investimentos em zonas econômicas, conservação de água, rodovias e eletrificação de ferrovias (Hoh 2019). No Cazaquistão, a participação chinesa se materializa através do Samruk-Kazyna, um fundo soberano criado em 2008 pelo governo cazaque que tem captado grandes empréstimos da China para financiar empreendimentos estratégicos, como a construção de linhas ferroviárias que liguem o país à China e ao mar Cáspio, a expansão de portos como o de Aktau e Kuryk e o desenvolvimento de centros de logística. O porto seco de Khorgos, na fronteira entre Cazaquistão e China, tornou-se peça-chave da BRI e da passagem do gasoduto Ásia Central-China, responsável por 70% do transporte terrestre de produtos entre a China e a Europa (Pieper 2021; Zogg 2019).

Como resultado desses avanços, a China assumiu a liderança dos investimentos em quatro países da Ásia Central, representando 79% do estoque do Investimento Estrangeiro Direto no Uzbequistão em 2022 (Hall 2024), 60% no Tajiquistão em 2023 (Flesch 2024) e 28% no Quirguistão também em 2023 (Kachkinbaeva and Menchaca 2024). No Turcomenistão, estima-se que a China já representasse cerca de 40% do IED em 2021 (Mukhammadsodik 2023). A única exceção é o Cazaquistão, onde, em 2023, a liderança nos estoques de IED era composta pelos Países Baixos e pelos Estados Unidos (National Bank of Kazakhstan 2024). Essas transformações no padrão de investimentos evidenciam a crescente presença da China na região e a retração relativa da Rússia.

Da mesma forma, a China se consolida como uma alternativa cada vez mais relevante no setor financeiro, oferecendo investimentos de grande escala, linhas de crédito mais flexíveis e contribuindo para a modernização dos sistemas financeiros locais, além da diversificação das fontes de financiamento. Isso fica claro logo após a eclosão da guerra na Ucrânia,

quando as sanções reduziram a disponibilidade de financiamento russo para os bancos centro-asiáticos, elevaram os custos das transações e diminuíram a liquidez das moedas locais. O Cazaquistão, onde três dos principais bancos – Sberbank, VTB e Alfa Bank – são subsidiárias de instituições russas, enfrentou problemas quando essas instituições foram sancionadas, levando duas delas a reduzir ou abandonar o mercado. Problemas similares surgiram no Tajiquistão, onde a íntima ligação entre os bancos locais e os russos dificultou as transferências internacionais, enquanto no Quirguistão e no Uzbequistão, as restrições afetaram o funcionamento de transferências com cartões e aplicações móveis, respectivamente (Barrios et al. 2023).

Esses eventos demonstram como a dependência excessiva da infraestrutura financeira russa fragiliza as economias da Ásia Central, levando os países da região a buscar novas fontes de financiamento. A redução na liquidez russa e a necessidade de diversificar os recursos criam um vácuo que a China tem preenchido de forma crescente, sobretudo por meio da oferta de empréstimos vinculados à BRI, o que leva diversos países da região a destinarem recursos consideráveis para o pagamento dos serviços da dívida. Destacam-se o Tajiquistão e o Quirguistão, onde a China detém 30% e 41% da dívida externa pública, respectivamente, enquanto no Turcomenistão, Cazaquistão e Uzbequistão, a participação chinesa atinge 3%, 7% e 8%, respectivamente (World Bank 2023, 159, 115, 167, 112, 170).

Mais relevante do que o volume dos empréstimos é o poder de barganha adquirido pela China por meio das condições impostas a esses governos. Esses financiamentos vêm acompanhados de restrições que limitam a concorrência e a transferência de tecnologia, favorecendo empresas chinesas e aprofundando a dependência econômica e tecnológica dos países centro-asiáticos. Ao controlar a execução dos projetos, Pequim assegura que os benefícios econômicos e as inovações permaneçam em seu território e, em cenários de inadimplência, adquire terras, empresas locais e direitos para explorar recursos naturais, como ouro e prata (Galimova et al. 2024; Karrar and Mostowlansky 2020; Kazantsev, Medvedeva and Safranchuk 2021; Otorbaev 2022; Skalamera 2018).

No campo tecnológico, a China também assume a liderança, tanto em virtude das sanções que restringem o acesso da Rússia a tecnologias avançadas quanto pelo predomínio já estabelecido de seus gigantes nacionais. A estratégia chinesa se materializa, em grande parte, através da Digital Silk Road, uma extensão da BRI que visa facilitar a entrada de empresas como China Mobile, China Telecom, China Unicom, Alibaba, Tencent, Baidu e Huawei nos países membros da iniciativa. Isso permite a esses campeões nacionais obter vantagens competitivas e ampliar sua presença em mercados

emergentes, contribuindo para o fortalecimento da posição tecnológica chinesa na região (Boaventura, Conti and Morais 2023; Muzaparaova 2021).

A expansão tecnológica chinesa também se traduz no desenvolvimento de redes 5G, cidades inteligentes, cabos de fibra ótica, sistemas de pagamento móvel, comunicação telefônica e plataformas de TI para o processamento de embarques, entre outras soluções. No Uzbequistão e no Cazaquistão, a Digital Silk Road se evidencia pelo elevado número de projetos conjuntos em diversas áreas de tecnologia da informação, enquanto no Quirguistão e no Tajiquistão os investimentos se concentram na criação de cidades inteligentes e na implementação de redes de telecomunicações de nova geração. No Turcomenistão, a prioridade tem sido a construção de um cabo de comunicação de fibra ótica sob o Mar Cáspio (Muzaparaova 2021). Além do setor comercial, a influência tecnológica da China na Ásia Central abrange iniciativas de cooperação voltadas para o desenvolvimento regional e a redução da pobreza por meio da ciência e da tecnologia. Tais medidas incluem o desenvolvimento de tecnologias agrícolas, intercâmbio de práticas economizadoras de água, recuperação de solos áridos e salinos, investimentos em irrigação, controle de pragas, pecuária, medicina veterinária, segurança sísmica e a atualização de controles aduaneiros com soluções digitais (Devonshire-Ellis 2023).

Logo, percebe-se que a China tem consolidado sua presença na Ásia Central principalmente por meio de investimentos estratégicos, expansão do crédito e avanço tecnológico, assumindo um papel central na modernização das infraestruturas regionais. A crescente dependência dos países centro-asiáticos em relação ao financiamento e às tecnologias chinesas evidencia um realinhamento regional no qual a presença russa, apesar de ainda significativa, tem sido relativizada em áreas-chave. Esse processo não apenas redefine as dinâmicas de poder na região, mas também impõe novas dinâmicas e oportunidades para Moscou, que precisa lidar com a ascensão chinesa sem comprometer sua própria posição.

4. A Ásia Central entre a Rússia e a China

Mesmo com a presença consolidada da Rússia e da China na Ásia Central – em parte facilitada pela limitada atuação ocidental na região –, os países centro-asiáticos não devem ser vistos como meros satélites dessas potências. Ao contrário, eles vêm atuando como atores independentes em busca de equilibrar suas relações internacionais e fortalecer sua autonomia. No entanto, a posição estratégica da região é definida não apenas por suas próprias iniciativas regionais, mas também pelo equilíbrio de forças entre

China e Rússia. Assim, compreender a forma como essas potências interagem e projetam influência na região é fundamental para avaliar o espaço de manobra dos países centro-asiáticos.

Em relação à capacidade de agência dos países centro-asiáticos, pode-se afirmar que a chegada de Shavkat Mirziyoyev à presidência do Uzbequistão em 2016 marcou uma mudança significativa na política regional, promovendo maior cooperação com vizinhos para resolver disputas fronteiriças, melhorar a conectividade e facilitar projetos de infraestrutura. Essa nova abordagem fortaleceu os laços entre os países da região, refletindo-se em acordos comerciais, manobras militares conjuntas e iniciativas para solucionar questões relacionadas à água e energia. O Cazaquistão também desempenhou um papel fundamental nesse processo, propondo reuniões regulares entre os conselhos de segurança dos países centro-asiáticos e incentivando encontros entre os chefes de Estado para discutir desafios comuns, como segurança, comércio e meio ambiente (Dadabaev 2018; Matveeva 2023; Patnaik 2019; Sitenko 2023; Yuyan 2020).

Paralelamente ao fortalecimento da cooperação intrarregional, a Ásia Central tem ampliado sua presença no cenário internacional. Nos últimos anos, os países da região passaram a negociar coletivamente com líderes de diversas nações, incluindo Índia, Rússia, Turquia, Estados Unidos e União Europeia. Esses encontros abordaram temas como segurança regional, independência energética e diversificação econômica, evidenciando um esforço para reduzir a dependência da China e da Rússia. A guerra na Ucrânia e as tensões geopolíticas reforçaram a importância da Ásia Central, que passou a ser vista como uma peça-chave para a segurança energética global, especialmente por suas reservas de materiais críticos para energia renovável e urânio. Ainda que a integração plena entre os países centro-asiáticos não tenha sido alcançada, as iniciativas conjuntas demonstram um movimento estratégico de aproximação e cooperação mútua (Helf 2023; Matveeva 2023; Temnycky 2023)

No entanto, apesar dos avanços na articulação regional e externa, a influência sino-russa na Ásia Central permanece predominante e se estrutura em bases complementares. Moscou mantém sua primazia na segurança, na integração financeira e em setores produtivos estratégicos, enquanto Pequim se destaca nos investimentos em infraestrutura, tecnologia e concessão de crédito. Essa complementaridade ganhou ainda mais relevo após 2014, quando as sanções ocidentais e o isolamento de Moscou intensificaram a dependência russa do apoio econômico de Pequim, impulsionando uma parceria ainda mais estreita na região. Em outras palavras, o enfraquecimento dos laços da Rússia com o Ocidente tornou imprescindível a cooperação com a China, o

que reforçou a coordenação estratégica entre ambos na Ásia Central.

Por outro lado, os países centro-asiáticos vêm utilizando essa dinâmica a seu favor, equilibrando as influências externas para obter concessões econômicas e políticas favoráveis (Sitenko 2023). Essa capacidade de manobra se evidencia particularmente nas dinâmicas comerciais e energéticas, onde os Estados da região atuam como intermediários no comércio sino-russo e como nós logísticos fundamentais para o transporte de mercadorias e hidrocarbonetos. O fortalecimento dessas conexões ressalta não apenas a crescente interdependência entre as economias centro-asiáticas, russa e chinesa, mas também o espaço que esses países encontram para ampliar sua autonomia dentro desse cenário de disputa e cooperação.

O comércio entre a Rússia e a Ásia Central, especialmente após as sanções internacionais, evidencia como a integração financeira tem desempenhado um papel estratégico na manutenção e expansão da influência russa na região. A utilização do Sistema de Transferência de Mensagens Financeiras para pagamentos em rublos permitiu à Rússia mitigar os impactos das sanções, reduzindo a dependência do dólar e de outras moedas ocidentais. Paralelamente, a UEE tem sido fundamental para criar uma rede alternativa de comércio, possibilitando que produtos sancionados cheguem à Rússia por meio de reexportações realizadas pelos países membros (Kazantsev, Medvedeva and Safranchuk 2021).

Simultaneamente, a China tem se destacado na região por utilizar a Ásia Central como plataforma para reexportar produtos à Rússia, evitando assim restrições diretas. Essa estratégia permite a Pequim movimentar mercadorias e fortalecer suas relações comerciais, oferecendo uma alternativa para a Rússia e ampliando sua influência na dinâmica econômica local. Tal abordagem fortalece as relações comerciais e evidencia o papel crescente da China no comércio regional. Os movimentos comerciais entre a Ásia Central e seus parceiros têm registrado crescimentos expressivos após a invasão da Ucrânia. Por exemplo, as exportações de produtos do Uzbequistão para a Rússia cresceram 52% em 2022 em comparação com 2021, enquanto as exportações chinesas para o mesmo país aumentaram 30% (Observatory of Economic Complexity 2022). No Quirguistão, as importações chinesas saltaram 266% entre 2021 e 2023, e as exportações para a Rússia tiveram um acréscimo de 80%. De forma similar, as exportações do Tajiquistão para a Rússia cresceram 85% e suas importações da China subiram 75% no mesmo período, enquanto o Cazaquistão registrou um aumento de 39% em suas exportações para a Rússia e de 103% em suas importações da China (International Trade Centre 2025).

Esses dados refletem uma mudança significativa nos fluxos comerciais,

posicionando a China como o maior parceiro em grande parte dos países da região. Em 2022, a China representava 19,7% das trocas comerciais do Uzbequistão, superando a Rússia com 17,52%; em 2023, a China liderava o comércio do Quirguistão com 35% de participação, enquanto a Rússia respondia por 18%. No Turcomenistão, a China concentrou quase 59% de todo o comércio, com 67% das exportações direcionadas a Pequim, e no Cazaquistão, a participação chinesa chegou a 22,5% em 2023, ultrapassando os 18,5% da Rússia. O único país onde a Rússia se manteve como principal parceiro comercial foi o Tajiquistão, com 24,5% em comparação aos 21,4% da China (International Trade Centre 2025). Essa dinâmica, aliada às sanções impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia a algumas empresas centro-asiáticas por reexportarem bens sancionados para a Rússia (Putz 2024; Standish 2023), evidencia que os países da Ásia Central estão se consolidando como intermediários no comércio sino-russo, refletindo uma complementaridade estratégica entre as economias centro-asiáticas, russa e chinesa (Webster 2023).

Dinâmica parecida é percebida no transporte e na comercialização de hidrocarbonetos (petróleo e gás natural), importantes recursos para os países da região. Durante grande parte do período analisado, a Rússia manteve sua estratégia de se posicionar como um corredor de trânsito para as exportações de hidrocarbonetos dos países da Ásia Central. Em particular, sua influência no Cazaquistão permaneceu elevada, uma vez que mais de 80% do petróleo cazaque é transportado por oleodutos que atravessam o território russo (Ernst & Young 2023). Essa condição permitiu a Moscou exercer pressão por meio de ameaças de fechar o CPC, como ocorreu em 2022 após o início da guerra na Ucrânia (Fernandes and Grantseva 2023), evidenciando o controle substancial do país sobre as rotas energéticas da região. Paralelamente, a Rússia intensificou a celebração de acordos para a compra de gás dos países centro-asiáticos, buscando competir com a presença chinesa nesse setor estratégico. Em 2017, a Gazprom firmou um acordo para garantir a compra de gás uzbeque por cinco anos, e uma iniciativa similar foi adotada em 2019 com o Turcomenistão, restabelecendo fluxos interrompidos anteriormente (British Petroleum 2022, 37; Kazantsev, Medvedeva and Safranchuk 2021; Skalamera 2023).

Contudo, a estratégia russa sofreu reconfigurações significativas a partir de 2022 devido a dois fatores principais: a perda do mercado europeu de gás e uma crise energética na Ásia Central. Essa crise, caracterizada por cortes de energia, racionamento de gás e interrupções no aquecimento residencial no Uzbequistão e no Cazaquistão, foi agravada por problemas técnicos que levaram à interrupção das exportações do Turcomenistão tanto para o

Uzbequistão quanto para a China. Em resposta aos desafios energéticos, a Rússia propôs em 2022 uma união no setor de gás natural envolvendo o Cazaquistão e o Uzbequistão. A proposta previa que a Gazprom assumisse as redes de transporte desses países, em troca do direito de reexportar parte do gás russo para a China. Inicialmente rejeitada, a oferta ganhou força após a crise do inverno, culminando na assinatura, em janeiro de 2023, de acordos bilaterais que estabeleceram roteiros de cooperação na indústria de gás e comprometeram ambos os países a importar 10 bcm de gás russo anualmente, dos quais entre 4 e 6 bcm poderiam ser destinados à China (Losz and Mitrova 2023).

Adicionalmente, o Turcomenistão passou a enfrentar forte concorrência da Rússia após o redirecionamento das exportações de gás russo para a Ásia a preços competitivos. Nesse contexto, o interesse russo em integrar o TAPI (um gasoduto que atravessa Turcomenistão, Afeganistão, Paquistão e Índia) emergiu como uma estratégia para desviar suas exportações energéticas e estabelecer uma parceria com o Turcomenistão, transformando-o em um importante país de trânsito para a energia russa rumo a outras regiões da Ásia Central e ao sul da Ásia. A implementação do TAPI seria importante para diversificar as fontes de renda do Turcomenistão e reduzir sua dependência da China, que desde 2010 tem sido o principal destino das exportações turcomenas, absorvendo entre 70% e 80% de seu gás entre 2021 e 2023 (British Petroleum 2022, 37; Energy Institute 2023, 38; Energy Institute 2024, 45; Fazl-e-Haider 2023).

Essa complementariedade sugere que, nos últimos anos, a competição entre China e Rússia pelo acesso aos recursos da Ásia Central diminuiu consideravelmente. A Rússia, que anteriormente buscava garantir o gás da Ásia Central para suprir o mercado europeu, agora redireciona sua estratégia para vender gás para a Ásia, incluindo a China. Essa mudança reduz o potencial de competição direta entre os dois países. Além disso, a Ásia Central não é a principal fonte de recursos energéticos para a Rússia. A maior parte da energia do país provém da Sibéria e do Ártico, onde a China está investindo em vários projetos que oferecem um potencial de retorno mais significativo do que os projetos na Ásia Central (Skalamera 2018).

A análise evidencia uma dinâmica de aproximação e complementaridade entre Rússia e China na Ásia Central, na qual Moscou consolida sua influência por meio de sua centralidade na segurança e dos laços históricos e culturais, enquanto Pequim avança predominantemente na esfera econômica, impulsionada por investimentos e iniciativas de modernização. Essa interdependência implícita sustenta um equilíbrio na região, mas não dissipa por completo a incerteza sobre se a relação sino-russa é fundamentalmente

cooperativa ou competitiva. Para aprofundar essa questão e compreender plenamente o posicionamento dos países centro-asiáticos, é necessário entrar no segundo ponto desta seção, que seria a crescente dependência russa em relação à China e o consequente alinhamento de conveniência mútua pautado tanto pela contenção da influência ocidental quanto pela garantia de estabilidade na Ásia Central em termos favoráveis a ambas as potências.

Nesse sentido, os recentes reordenamentos do cenário internacional, intensificados após a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022, promoveram uma guinada estratégica nas relações sino-russas. O Ocidente, em resposta à guerra, ampliou drasticamente as sanções contra a Rússia, incluindo o bloqueio de bancos russos do sistema SWIFT, o congelamento de reservas internacionais e severas restrições à importação de recursos estratégicos, como petróleo e gás, além de limitar o acesso a tecnologias sensíveis (Duggal and Panda 2024; Schott 2023; Timofeev 2022). Essas medidas impactaram profundamente a capacidade produtiva e tecnológica russa, forçando Moscou a buscar alternativas para mitigar seus efeitos. Paralelamente, a China também se viu alvo de restrições coordenadas pelo Ocidente. No âmbito da segurança, os Estados Unidos intensificaram a pressão por meio de alianças como o QUAD e o AUKUS, com o objetivo de conter o avanço militar de Pequim (Casarini 2022; Huang and Sutter 2020; Zhao 2021). No plano econômico, adotaram medidas tarifárias e restrições de investimento para reduzir a dependência das cadeias de suprimentos estratégicas chinesas – especialmente nos setores de energias renováveis, metais raros e tecnologias de ponta –, além de sanções específicas que impediram o acesso de empresas como a Huawei a equipamentos e semicondutores avançados (Ahmad 2021; Fang 2024; Hennessy 2023; Merino 2023).

Nesse cenário de restrições e pressões internacionais, a necessidade de Moscou de compensar os efeitos das sanções convergiu para uma aproximação mais estreita com Pequim. Essa intensificação da cooperação bilateral se manifesta em diversos setores. Na área de segurança, por exemplo, a Rússia passou a fornecer sistemas militares avançados – como os caças Su-35 e os mísseis S-400 – e a colaborar no desenvolvimento de defesas antiaéreas contra mísseis balísticos, realizando exercícios conjuntos em regiões críticas, tais como o Mar da China Oriental, o Ártico e áreas próximas à América do Norte (Ahmad 2021; Bertrand and Liebermann 2024; Delaney 2024; Gorenburg et al. 2023). No setor energético, a intensificação do comércio bilateral fez com que a China se tornasse o maior destino do petróleo russo e um dos principais compradores de gás natural (Energy Institute 2024; Skalamera 2023). Além disso, a Rússia se tornou altamente dependente da China para suprir suas necessidades industriais e tecnológicas, especialmente após as

sanções ocidentais restringirem seu acesso a componentes críticos. Pequim emergiu como uma das únicas fontes disponíveis para semicondutores e equipamentos industriais fundamentais (Bank of Russia 2023; International Trade Centre 2025; Mulder 2023; Trudolyubov 2024).

O aprofundamento da dependência russa em relação a Pequim não apenas levou Moscou a intensificar a coordenação estratégica com a China em fóruns multilaterais e iniciativas regionais, mas também resultou em concessões crescentes aos interesses chineses. No entanto, essas concessões não representam apenas uma resposta à assimetria de poder crescente entre os dois países, pois também refletem uma convergência estratégica alinhada aos interesses russos em suas disputas com o Ocidente. Moscou, que antes via com desconfiança a articulação entre iniciativas como a BRI, a UEE e a Organização para Cooperação de Xangai, passou a aceitar a articulação dessas iniciativas como parte de um novo equilíbrio regional no qual a presença econômica chinesa se tornou incontornável. Isso se deve, em parte, ao fato de que a estabilidade da Ásia Central — reforçada pela presença chinesa — ser essencial para a manutenção da influência histórica da Rússia e para conter dinâmicas que poderiam fragilizar sua posição na região. Ao mesmo tempo, Pequim se beneficia da permanência russa como interlocutora, o que facilita a implementação de seus projetos no âmbito da BRI e reduz os riscos associados a movimentos separatistas em Xinjiang. Além disso, o maior envolvimento econômico e estratégico da China serve a um interesse comum: dificultar a penetração ocidental na Ásia Central e evitar que a influência dos Estados Unidos e da União Europeia ganhe tração no entorno imediato de ambos os países (Ahmad 2021; Debone and Schutte 2020; Gan 2024; Kazantsev, Medvedeva and Safranchuk 2021; Lukin 2019; Lukin 2020; Meng-Fang, Na-Xi and Shan-Bing 2019; Skaricic 2023).

Dessa forma, a crescente interdependência sino-russa não apenas molda a dinâmica geopolítica global, mas também redefine o papel da Ásia Central no novo equilíbrio eurasiático. Longe de serem meros receptores passivos dessa configuração, os países centro-asiáticos têm capitalizado a aproximação entre Moscou e Pequim e seus atritos com o Ocidente, utilizando essa conjuntura para obter concessões estratégicas e reforçar sua posição como intermediários essenciais. Esse novo arranjo reafirma a Ásia Central como um espaço de acomodação entre os interesses russos e chineses. O recuo da presença estadunidense e as crescentes pressões ocidentais criaram um ambiente no qual Pequim expande sua influência econômica sem desafiar abertamente a primazia russa na segurança e na política, enquanto Moscou vê nesses avanços um meio de preservar sua relevância regional. Esse equilíbrio dinâmico sustenta uma cooperação pragmática, mantendo eventuais disputas

sob controle e consolidando um status quo regional baseado em uma divisão funcional de influência e na lógica de um condomínio sino-russo (Lass 2022).

Os dados revelam uma intrincada rede de interações entre os mecanismos de influência dos dois países: enquanto a Rússia se destaca na área de segurança e na manutenção de laços históricos e culturais, a China reforça sua presença por meio de investimentos maciços e da expansão de infraestrutura. A princípio, essa divisão funcional pode sugerir competição; contudo, na prática, evidencia uma coordenação estratégica destinada a minimizar conflitos e promover uma interdependência mútua. Dessa forma, a cooperação sino-russa na região mostra-se multifacetada e inserida em um contexto de realinhamentos geopolíticos globais, no qual ambos os países buscam resguardar seus interesses diante das pressões ocidentais.

5. Considerações finais

A análise realizada ao longo deste estudo evidencia que a relação sino-russa na Ásia Central se estrutura sobre uma divisão funcional de esferas de influência, na qual a Rússia preserva sua centralidade na segurança regional, enquanto a China se consolida como principal investidora econômica. Esse arranjo emergiu a partir de 2014, quando as sanções ocidentais impostas a Moscou após a anexação da Crimeia e a retirada dos Estados Unidos do Afeganistão redefiniram o equilíbrio de poder na região. Paralelamente, a expansão da BRI fortaleceu a presença chinesa nos setores de infraestrutura, energia e comércio, permitindo que Pequim ampliasse sua influência sem desafiar diretamente a primazia russa na segurança. Assim, longe de um antagonismo aberto, a atuação das duas potências na Ásia Central reflete uma dinâmica de coordenação estratégica, na qual cada uma reforça sua posição por meios distintos, minimizando conflitos e evitando uma disputa aberta por hegemonia.

No campo militar, a Rússia mantém uma presença consolidada com bases no Tajiquistão, Quirguistão e Cazaquistão, além de liderar a OTSC. Moscou também utiliza a interdependência energética, as remessas de migrantes centro-asiáticos e a integração financeira promovida pela UEE como instrumentos de influência. Já a China, embora tenha intensificado a cooperação em segurança com os países centro-asiáticos por meio do fornecimento de equipamentos militares e da realização de exercícios conjuntos, adota uma abordagem mais cautelosa para não desafiar diretamente o papel da Rússia como principal fiador da estabilidade regional. O papel de Pequim se mostra mais relevante no quesito econômico: seu modelo de investimentos, aliado à concessão de empréstimos e à construção de infraestrutura estratégica, fez da

China o maior parceiro econômico de boa parte dos países da região.

Assim, a aproximação sino-russa revela uma coexistência de influências na região, onde a projeção do poder militar, cultural e político de Moscou se combina com os avanços econômicos, industriais e tecnológicos da China. Nesse cenário, a integração asiática permite que a Rússia aproveite o crescimento chinês para impulsionar seu próprio desenvolvimento e o de seus vizinhos, numa estratégia voltada para a estabilidade regional que converge com os interesses de Pequim. Essa parceria não implica em um conflito de interesses, mas na administração compartilhada da região, com ambos os países respeitando e equilibrando seus papéis para garantir a estabilidade e evitar disputas. Além disso, essa colaboração serve como uma resposta às pressões do Ocidente, sublinhando a importância estratégica da Ásia Central para os objetivos geopolíticos de ambos. Assim, a crescente influência chinesa complementa e fortalece os interesses russos, e essa aproximação se insere em planos mais amplos de contestação ao Ocidente, refletindo as ambições globais de Moscou e Pequim e consolidando sua influência conjunta e duradoura na região.

Apesar da profundidade da análise realizada, este estudo apresenta limitações relacionadas principalmente à complexidade inerente das interações geopolíticas em um cenário de rápida mutação. A variabilidade dos contextos regionais e a dinamicidade das relações entre os atores dificultam a generalização dos resultados, indicando a necessidade de investigações futuras mais específicas. Entre as direções de pesquisa sugeridas, destaca-se a importância de analisar o impacto de possíveis mudanças na política externa dos Estados Unidos após o retorno de Donald Trump à presidência e um eventual cessar-fogo na Ucrânia, que pode oferecer novos insights sobre a redefinição das alianças estratégicas e dos mecanismos de cooperação entre Rússia e China.

Referências

Ahmad, Talmiz. 2021. “Russia and China Place Eurasia at the Heart of the Post-Pandemic World Order” Asian Journal of Middle Eastern and Islamic Studies 15 (1): 1–33.

Akromov, Otabek. 2024. “Central Asia: The Last Stronghold of a Declining Russia?” E-International Relations. August 19, 2024. https://www.e-ir.info/2024/08/19/central-asia-the-last-stronghold-of-a-declining-russia/. Acesso em 18 mar. 2025.

Bank of Russia. 2023. “Annual Report 2022” Moscow: Bank of Russia. https://

www.cbr.ru/eng/about_br/publ/god/. Acesso em 15 fev. 2025.

Barrios, Ricardo, Maria A. Blackwood, Rebecca M. Nelson, and Michael D. Sutherland. 2023. "Central Asia: Implications of Russia's War in Ukraine" Congressional Research Service. June 09, 2023. https://www.congress.gov/crs-product/R47591. Acesso em 15 fev. 2025.

Belitski, Maksim, and Evgeniya Pomerlyan. 2023. "Regional Integration and Economic Performance: Evidence from the Eurasian Economic Union" Eurasian Geography and Economics 65 (5): 1–29.

Bertrand, Natasha, and Oren Liebermann. 2024. "NORAD Intercepts Russian and Chinese Bombers Operating Together Near Alaska in First Such Flight" CNN. July 25, 2024. https://edition.cnn.com/2024/07/24/politics/norad-russian-chinese-bombers-alaska/index.html. Acesso em 12 fev. 2025.

Boaventura, Alba Bruna Barbosa, Bruno Martarello de Conti, and Isabela Nogueira de Morais. 2023. "A Moeda Digital Chinesa: Um Confronto com o Poder Estrutural do Dólar?" Revista Conjuntura Austral 14 (6): 7–20.

British Petroleum Company. 2022. "Statistical Review of World Energy 2022". London: British Petroleum. https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2022-full-report.pdf. Acesso em 02 fev. 2025.

Carteny, Andrea, and Paolo Pizzolo. 2022. "The 'New Great Game' in Central Asia: From a Sino-Russian Axis of Convenience to Chinese Primacy?" The International Spectator 57 (2): 85–102.

Casarini, Nicola. 2022. "A European Strategic 'Third Way?' The European Union Between the Traditional Transatlantic Alliance and the Pull of the Chinese Market" China International Strategy Review 4 (91): 91–107.

Collins, Kathleen. 2014. "The Limits of Cooperation: Central Asia, Afghanistan, and the New Silk Road" Asia Policy 17: 18–26.

Dadabaev, Timur. 2018. "Uzbekistan as Central Asian Game Changer? Uzbekistan's Foreign Policy Construction in the Post-Karimov Era" Asian Journal of Comparative Politics 4 (2): 1–14.

Davidzon, Igor, Alexander Libman, and Rheea Saggar. 2023. "How to Intervene Symbolically: The CSTO in Kazakhstan" Chatham House. June 27, 2023. https://www.chathamhouse.org/2023/06/how-intervene-symbolically-csto-kazakhstan. Acesso em 12 fev. 2025.

De Waal, Thomas. 2024. "The End of the Near Abroad" Carnegie Endowment for International Peace. May 16, 2024. https://carnegieendowment.org/research/2024/05/the-end-of-the-near-abroad?lang=en. Acesso em 13 fev. 2025.

Debone, Victor Sant'Anna, and Giorgio Romano Schutte. 2020. "Parceria China e Rússia: Bases Reais para Superar Desconfiança Histórica" Revista Carta Internacional 15 (2): 28–51.

Delaney, Robert. 2024. "China-Russia Military Exercises Near Taiwan Force US to Revise Plans, Intelligence Chiefs Say" South China Morning Post. May 3, 2024. https://scmp.com/news/china/military/article/3261254/china-russia-military-exercises-near-taiwan-force-us-revise-plans-intelligence-chiefs-say. Acesso em 13 fev. 2025.

Denisov, Igor. 2022. "After Kazakhstan Crisis, China Will Reassess Its Influence in Central Asia" The Diplomat. January 18, 2022. https://thediplomat.com/2022/01/after-kazakhstan-crisis-china-will-reassess-its-influence-in-central-asia/. Acesso em 12 fev. 2025.

Devonshire-Ellis, Chris. 2023. "All Agreements, Grants, and Initiatives Approved at the Central Asia-China Summit" Silk Road Briefing. May 23, 2023. Acesso em 15 out. 2024.

Duggal, Mahima, and Jagannath Panda. 2024. "Sweden Joins NATO: Implications for the Indo-Pacific" The Diplomat. March 12, 2024. https://thediplomat.com/2024/03/sweden-joins-nato-implications-for-the-indo-pacific. Acesso em 15 fev. 2025.

Dzhuraev, Shairbek, and Eric Mcglinchey. 2022. "Russia's Erosion in Central Asia" PONARS Eurasia. November 04, 2022. https://www.ponarseurasia.org/russias-erosion-in-central-asia/. Acesso em 02 fev. 2025.

Energy Institute. 2023. "Statistical Review of World Energy 2023" London: Energy Institute. https://www.energyinst.org/__data/assets/pdf_file/0004/1055542/EI_Stat_Review_PDF_single_3.pdf. Acesso em 02 fev. 2025.

Energy Institute. 2024. "Statistical Review of World Energy 2024" London: Energy Institute. https://www.energyinst.org/__data/assets/pdf_file/0006/1542714/684_EI_Stat_Review_V16_DIGITAL.pdf. Acesso em 02 fev. 2025.

Engvall, Johan. 2023. "Central Asia One Year After Russia's Full-Scale Invasion of Ukraine" The Central Asia-Caucasus Analyst. March 07, 2023. https://www.cacianalyst.org/publications/feature-articles/item/13748-central-asia-one-year-after-russia%E2%80%99s-full-

scale-invasion-of-ukraine.html. Acesso em 06 fev. 2025.

Ernst & Young. 2023. "Kazakhstan Oil and Gas Tax Guide 2023" https://assets.ey.com/content/dam/ey-sites/ey-com/ru_kz/topics/oil-and-gas/ey-kz-oil-and-gas-tax-guide-2023. Acesso em 25 out. 2025.

Eurasian Development Bank. 2023. "EDB Monitoring of Mutual Investments – 2023" Almaty: Reports and Working Papers 23/5. 2023. https://eabr.org/upload/iblock/4dc/EDB_2023_Report-5_Monitoring-of-Mutual-Investments_eng.pdf. Acesso em 08 fev. 2025.

Fang, Mandy Meng. 2024. "WTO Struggles with US–China Clean Energy Competition" East Asia Forum. May 26, 2024. https://eastasiaforum.org/2024/05/26/wto-struggles-with-us-china-clean-energy-competition. Acesso em 08 fev. 2025.

Fazl-e-Haider, Syed. 2023. "Revival of TAPI Pipeline Project Brings Serious Geopolitical Implications for Russia" Eurasia Daily Monitor. June 06, 2023. https://jamestown.org/program/revival-of-tapi-pipeline-project-brings-serious-geopolitical-implications-for-russia/. Acesso em 17 fev. 2025.

Fernandes, Sandra, and Vera Grantseva. 2023. "O Esfriamento da Amizade entre a Ásia Central e a Rússia após a Guerra na Ucrânia" Instituto Portugues de Relações Internacionais, Universidade Nova de Lisboa, Revista Relações Internacionais: 63-71. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/84842

Flesch, Alan. 2024. "2024 Investment Climate Statements: Tajikistan" U.S. Department of State. 2024. https://www.state.gov/reports/2024-investment-climate-statements/tajikistan/. Acesso em 13 fev. 2025.

Freeman, Carla P. 2017. "New Strategies for an Old Rivalry? China–Russia Relations in Central Asia After the Energy Boom" The Pacific Review 31: 635–654.

Gabuev, Alexander, and Temur Umarov. 2023. "Is Russia Losing Its Grip on Central Asia?" Foreign Affairs. June 30, 2023. https://www.foreignaffairs.com/china/russia-losing-its-grip-central-asia. Acesso em 02 fev. 2025.

Galimova, Anastasia, Navruz Karimov, Yura Park, and Ch. Sabyrbek. 2024. "The Risks of China's Loans to Uzbekistan" The Diplomat. July 23, 2024. https://thediplomat.com/2024/07/the-risks-of-chinas-loans-to-uzbekistan/. Acesso em 13 fev. 2025.

Gan, Nectar. 2024. "China's Xi Urges Regional Leaders to Resist 'External Interference' as Security Bloc Grows to Counter US" CNN. July 4, 2024. https://edition.cnn.com/2024/07/04/asia/putin-xi-russia-

china-alignment-sco-astana-intl-hnk/index.html. Acesso em 06 fev. 2025.

Gorenburg, Dmitry, Paul Schwartz, Brian Waidelich, and Elizabeth Wishnick. 2023. "Russian-Chinese Military Cooperation" The Center for Naval Analyses Memorandum. March, 2023. https://www.cna.org/reports/2023/05/Russian-Chinese-Military-Cooperation.pdf. Acesso em 11 out. 2024.

Hall, Daniel. 2024. "2024 Investment Climate Statements: Uzbekistan" U.S. Department of State. 2024. https://www.state.gov/reports/2024-investment-climate-statements/uzbekistan/. Acesso em 13 fev. 2025.

Helf, Gavin. 2023. "New Central Asian Leaders Look to Balance Relations with Major Powers" United States Institute of Peace. September 28, 2023. https://usip.org/publications/2023/09/new-central-asian-leaders-look-balance-relations-major-powers. Acesso em 27 fev. 2025.

Hennessy, Alexandra. 2023. "The Impact of Russia's War Against Ukraine on Sino-European Relations" Journal of European Integration 45 (3): 559–75.

Hess, Maximilian. 2023. "Russia Is Down, But Not Out, in Central Asia" Foreign Policy Research Institute. February 17, 2023. https://www.fpri.org/article/2023/02/russia-is-down-but-not-out-in-central-asia/. Acesso em 02 fev. 2025.

Higgins, Andrew. 2022. "A Distracted Russia Is Losing Its Grip on Its Old Soviet Sphere" The New York Times. October 10, 2022. https://www.nytimes.com/2022/10/08/world/asia/russia-putin-soviet.html. Acesso em 02 fev. 2025.

Hoh, Anchi. 2019. "China's Belt and Road Initiative in Central Asia and the Middle East" Digest of Middle East Studies 28 (2): 241–276.

Hua, Sha. 2024. "Beijing and Moscow Go From 'No Limits' Friendship to Frenemies in Russia's Backyard" The Wall Street Journal. July 03, 2024. https://wsj.com/world/beijing-and-moscow-go-from-no-limits-friendship-to-frenemies-in-russias-backyard-52b3f1a4. Acesso em 02 fev. 2025.

Huang, Chin-Hao, and Robert Sutter. 2020. "China-Southeast Asia Relations: China Faces Stronger US Opposition in South China Sea" Comparative Connections 22 (2): 61–70.

Hugot, Jules, and Roman Mogilevskii. 2023. "The Economic Impact of the Russian Invasion of Ukraine on the Caucasus and Central Asia: Short-Term Benefits and Long-Term Challenges" Asian Development Bank. April, 2023. Asian Development Outlook: 34–39. https://www.adb.

org/sites/default/files/publication/863591/ado-april-2023-special-topic.pdf. Acesso em 04 fev. 2025.

International Trade Centre. 2025. Trade Map: Trade Statistics for International Business Development. https://www.trademap.org/Index.aspx. Acesso em 11 fev. 2025

Joireman, Sandra F., Roza Tulepbayeva, and Rachel Vanderhill. 2020. "Between the Bear and the Dragon: Multivectorism in Kazakhstan as a Model Strategy for Secondary Powers" International Affairs 96 (4): 975–993.

Kachkinbaeva, Anar, and Jacquline White Menchaca. 2024. "2024 Investment Climate Statements: Kyrgyz Republic" U.S. Department of State. 2024. https://www.state.gov/reports/2024-investment-climate-statements/kyrgyz-republic/. Acesso em 13 fev. 2025.

Kainazarova, Cholpon. 2018. "New Trends in Kyrgyz Foreign Policy" MPRA Paper 86491. University Library of Munich. https://ideas.repec.org/p/pra/mprapa/86491.html. Acesso em 12 set. 2024.

Karikeev, Erkinbek, and Zheng-xuan Zhu. 2019. "The Analysis of China Kyrgyzstan Uzbekistan Railway Project and Its Advantages for Kyrgyzstan" DEStech Transactions on Computer Science and Engineering.

Karrar, Hasan H., and Till Mostowlansky. 2020. "The Belt and Road as Political Technology: Power and Economy in Pakistan and Tajikistan" Environment and Planning C: Politics and Space 38 (5): 834–839.

Kashgarian, Asim. 2022. "Russia Sanctions Seen Loosening Moscow's Grip on Central Asia" Voice of America. May 31, 2022. https://www.voanews.com/a/russia-sanctions-seen-loosening-moscow-s-grip-on-central-asia-/6593211.html. Acesso em 02 fev. 2025.

Kazantsev, Andrei, Svetlana Medvedeva, and Ivan Safranchuk. 2021. "Between Russia and China: Central Asia in Greater Eurasia" Journal of Eurasian Studies 12 (1): 57–71.

Kosmarskaya, Natalya, and Artyom Kosmarski. 2019. "Russian Culture in Central Asia as a Transethnic Phenomenon" In: Platt, Kevin M.F. Global Russian Cultures, 69–93. Madison: University of Wisconsin Press.

Krapohl, Sebastian, and Alexandra Vasileva-Dienes. 2020. "The Region That Isn't: China, Russia and the Failure of Regional Integration in Central Asia" Asia Europe Journal 18: 347–366.

Labardini, Rodrigo. 2021. "La Convención sobre el Estatuto Jurídico del Mar

Caspio" Jurídica Ibero 10: 83–108.

Laitinen, Anna. 2018. "Kyrgyzstan in the Eurasian Economic Union: Challenges and Opportunities" Master's thesis, University of Tampere.

Laruelle, Marlene. 2014. "Russia and Central Asia" EUCAM National Policy Series 17. https://eucentralasia.eu/european-national-policies-series-russia-and-central-asia/. Acesso em 14 ago. 2024.

Lass, Bruno Reis. 2022. "A Belt and Road Initiative na Ásia Central e as Relações China-Rússia" Bachelor's thesis, Universidade de Brasília.

Losz, Akos, and Tatiana Mitrova. 2023. "Central Asia's Overlooked Energy Crisis: What It Means for the Global Gas Market" Center on Global Energy Policy. March 28, 2023. https://www.energypolicy.columbia.edu/central-asias-overlooked-energy-crisis-what-it-means-for-the-global-gas-market/. Acesso em 11 out. 2024.

Lukin, Alexander. 2019. "Russian–Chinese Cooperation in Central Asia and the Idea of Greater Eurasia" India Quarterly 75 (1): 1–14.

Lukin, Artyom. 2020. "The Russia–China entente and its future" International Politics 58 (1): 1–14.

Matveeva, Anna. 2023. "A New Opening for EU–Central Asia Relations?" Carnegie Europe. April 13, 2023. https://carnegieendowment.org/research/2023/04/a-new-opening-for-eu-central-asia-relations?lang=en&center=europe. Acesso em 04 nov. 2024.

Meng-Fang, Huang, Lu Na-Xi, and Lu Shan-Bing. 2019. "How the Belt and Road Initiative Can Help Strengthen the Role of the SCO and Deepen China's Cooperation with Russia and the Countries of Central Asia" India Quarterly 75 (1): 56–68.

Merino, Gabriel E. 2023. "Hybrid World War and the United States-China Rivalry" Frontiers in Political Science 4: 1–11.

Mikovic, Nikola. 2020. "Kyrgyzstan's Turmoil and the Competition for Central Asia" The Interpreter. October 15, 2020. https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/kyrgyzstan-s-turmoil-competition-central-asia. Disponível em 12 fev. 2025.

Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Kazakhstan. 2022. "Kazakhstan's President Addresses Challenging Issues on International Agenda and Relations with Russia at Saint Petersburg Economic Forum" Republic of Kazakhstan. June 18, 2022. https://www.gov.kz/memleket/entities/mfa/press/news/details/390248?lang=en. Acesso em 20 out. 2024.

Mirhaydar, Mirpulatova Laziza, and Davirova Shahlo Shukurulaevna. 2023.

"Role and Impact of Anti-Russian Sanctions on the Economy of Central Asian Countries" Synergy: Journal of Ethics and Governance 3 (5): 1–5.

Mukhammadsodik, Donaev. 2023. "The EU Risks Losing the Contest for Influence in Central Asia" East Asia Forum. February 23, 2023. https://eastasiaforum.org/2023/02/23/the-eu-risks-losing-the-contest-for-influence-in-central-asia/. Acesso em 02 fev. 2025.

Mulder, Nicholas. 2023. "Realignment: Asia's Economic Heft Sustains Russia's Economy" East Asia Forum Quarterly 15 (2): 3–5.

Muzaparova, Leyla. 2021. "The Digital Silk Road: Opportunities and Challenges for Central Asia" Rosa-Luxemburg-Stiftung. October 12, 2021. https://rosalux.de/en/news/id/45540/die-digitale-seidenstrasse-herausforderungen-und-chancen-fuer-zentralasien. Acesso em 15 out. 2024.

National Bank of Kazakhstan. 2024. "Gross inflow of direct investment in Kazakhstan from foreign direct investors (breakdown by residents' types of economic activities/countries/regions of Kazakhstan)" Investment Statistics. June 28, 2024. https://nationalbank.kz/en/news/pryamye-investicii-po-napravleniyu-vlozheniya. Acesso em 13 fev. 2025.

Nelson, Haley. 2023. "China Deepens Ties with Central Asia at the Inaugural China-Central Asia Summit" Caspian Policy Center. May 22, 2023. https://www.caspianpolicy.org/research/security-and-politics-program-spp/china-deepens-ties-with-central-asia-at-the-inaugural-china-central-asia-summit. Acesso em 10 out. 2024.

News Central Asia. 2024. "24,000 Companies with Russian Capital Operate in Central Asian Countries" News Central Asia. April 25, 2024. https://www.newscentralasia.net/2024/04/25/24000-companies-with-russian-capital-operate-in-central-asian-countries. Acesso em 10 out. 2024.

Observatory of Economic Complexity. 2022. Uzbekistan (UZB) Trade. https://oec.world/en/profile/country/uzb. Acesso em 07 set. 2024.

Osipova, Irina, and Aleksandra Vasil'kova. 2022. "Russian Companies Continue to Relocate to Central Asia" Kursiv Media. September 22, 2022. https://kz.kursiv.media/en/2022-09-22/russian-sompanies-continue-to-relocate-to-central-asia/. Acesso em 15 out. 2024.

Otorbaev, Djoomart Kaipovich. 2022. "What Is Happening With Sovereign Debt in Central Asia?" The Diplomat. October 14, 2022. https://thediplomat.com/2022/10/what-is-happening-with-sovereign-debt-

in-central-asia. Acesso em 14 out. 2024.

Ozat, Meray. 2023. "Central Asian Labor Migration: Exploring New Destinations Amid Geopolitical Tensions" Caspian Policy Center. October 04, 2023. https://caspianpolicy.org/research/economy/central-asian-labor-migration-exploring-new-destinations-amid-geopolitical-tensions. Acesso em 12 out. 2024.

Pantucci, Raffaello, and Nodirbek Soliev. 2023. "Central Asia" Counter Terrorist Trends and Analyses 15 (1): 82–91.

Patnaik, Ajay. 2019. "Regionalism and Regional Cooperation in Central Asia" VInternational Studies 56 (2-3): 147–162.

Pieper, Moritz. 2021. "The Linchpin of Eurasia: Kazakhstan and the Eurasian Economic Union between Russia's Defensive Regionalism and China's New Silk Roads" International Politics 58: 462–482.

Pradhan, Ramakrushna. 2019. "Petropolitics and Pipeline Diplomacy in Central Asia: Can India Afford to Wait in the Wings?" India Quarterly 75 (4): 472–489.

Putz, Catherine. 2024. "US Puts Additional Central Asian Companies on Russia Sanctions List" The Diplomat. February 28, 2024. https://thediplomat.com/2024/02/us-puts-additional-central-asian-companies-on-russia-sanctions-list. Acesso em 05 fev. 2025.

Raimondi, Pier Paolo. 2019. "Central Asia Oil and Gas Industry - The External Powers' Energy Interests in Kazakhstan, Turkmenistan and Uzbekistan" FEEM Working Paper 6. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3386053. Acesso em 10 set. 2024.

"Russian Direct Investments in Central Asia Exceeded $3.6 Billion in 2022" 2023. News Central Asia. May 16, 2023. https://newscentralasia.net/2023/05/16/russian-direct-investments-in-central-asia-exceeded-3-6-billion-in-2022. Acesso em 14 out. 2024.

Saivetz, Carol R. 2023. "Russia in the Caucasus and Central Asia after the Invasion of Ukraine" MIT Center for International Studies. January 29, 2023. https://cis.mit.edu/publications/analysis-opinion/2023/russia-caucasus-and-central-asia-after-invasion-ukraine. Acesso em 12 fev. 2025.

Santos, Jonathan Christian Dias dos. 2022. "Por Que a Organização do Tratado de Segurança Coletiva Foi Utilizada na Crise do Cazaquistão?" Boletim de Conjuntura (BOCA) 9 (26): 96–104.

Schott, Jeffrey J. 2023. "Economic Sanctions Against Russia: How Effective? How Durable?" Peterson Institute for International Economics Policy

Brief, no. 23-3: 1–12.

Shetty, Rakshith. 2024. "From Russian Ladas to Chinese BYDs: Central Asia's Changing Priorities" The Diplomat. July 11, 2024. https://thediplomat.com/2024/07/from-russian-ladas-to-chinese-byds-central-asias-changing-priorities. Acesso em 12 fev. 2025.

Sitenko, Alexandra. 2023. "The Central Asian States Are Stepping Up Their Game" International Politics and Society. September 28, 2023. https://ips-journal.eu/topics/foreign-and-security-policy/the-central-asian-states-are-stepping-up-their-game-7020. Acesso em 23 out. 2024.

Skalamera, Morena. 2023. "The Geopolitics of Energy after the Invasion of Ukraine" The Washington Quarterly 46 (1): 7–24.

Skalamera, Morena. 2018. "The Silk Road between a Rock and a Hard Place: Russian and Chinese Competition for Central Asia's Energy" Insight Turkey 20 (4): 45–65.

Skaricic, Ana-Maria. 2023. "Uncharted Waters: The BRICS Expansion and Implications" European Policy Centre. November 10, 2023. https://cep.org.rs/en/publications/uncharted-waters-the-brics-expansion-and-implications. Acesso em 16 set. 2024.

Standish, Reid. 2023. "EU Takes Aim at More Central Asian Firms for Aiding Russian War Effort in Ukraine" Radio Free Europe/Radio Liberty. November 15, 2023. https://www.rferl.org/a/eu-targets-central-asia-aiding-russia-war-ukraine/32685925.html. Acesso em 05 fev. 2025.

Sullivan, Charles J. 2021. "Battle at the Border: An Analysis of the 2021 Kyrgyzstan-Tajikistan Conflict" Asian Affairs 52 (3): 529–535.

Tan, Amorith. 2020. "China and Russia: Competition in Kyrgyzstan" Future Directions International. https://www.futuredirections.org.au/publication/china-and-russia-competition-in-kyrgyzstan. Acesso em 14 out. 2024.

Temnycky, Mark. 2023. "The West Is Eying Closer Relations With Central Asia" The Diplomat. December 13, 2023. https://thediplomat.com/2023/12/the-west-is-eying-closer-relations-with-central-asia. Acesso em 15 fev. 2025

Timofeev, Ivan N. 2022. "Sanctions on Russia: A New Chapter" Russia in Global Affairs 20 (4): 103–119.

Trudolyubov, Maxim. 2024. "China's Balancing Act Between the U.S. and Russia" Wilson Center. May 24, 2024. https://wilsoncenter.org/blog-post/chinas-balancing-act-between-us-and-russia. Acesso em 04 set. 2024.

Vaulgrenant, Maylis Peting de. 2023. "Shifting Migration Patterns in Central Asia – The Path Towards Resilience?" European Institute for Asian Studies. March 31, 2023. https://www.eias.org/publications/op-ed/shifting-migration-patterns-in-central-asia-the-path-towards-resilience. Acesso em 04 fev. 2025.

Webster, Joseph. 2023. "Why China Tripled Its Heavy Truck Shipments to Central Asia: Unravelling the Influence of Russia's War in Ukraine" The Interpreter. July 19, 2023. https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/why-china-tripled-its-heavy-truck-shipments-central-asia-unravelling-influence. Acesso em 11 out. 2024.

World Bank. 2023. "International Debt Report" Washington, D.C.: International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank. https://openknowledge.worldbank.org/server/api/core/bitstreams/83f7aadd-dc5a-406b-98d4-9624e93993e5/content. Acesso em 20 out. 2024.

World Bank. 2025. World Development Indicators. Washington, D.C.: International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank. https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators.

Yuyan, Zhang. 2020. "Ten Years After Ethnic Conflict in Southern Kyrgyzstan: Socio-Economic Causes and Effects" Journal of European Economy 19 (2): 356–368.

Zhao, Minghao. 2021. "The Belt and Road Initiative and China-US Strategic Competition" China International Strategy Review 3: 248–60.

Zogg, Benno. 2019. "Kazakhstan: A Centrepiece in China's Belt and Road" Center for Security Studies, ETH Zurich. No. 249. September, 2019. https://www.researchgate.net/publication/335715330_Kazakhstan_A_Centrepiece_in_China's_Belt_and_Road. Acesso em 15 out. 2024.

RESUMO
O artigo analisa a cooperação sino-russa na Ásia Central, examinando a crescente presença econômica da China e a reconfiguração da influência russa na região. Desde 2014, sanções ocidentais e tensões geopolíticas levaram Moscou e Pequim a aprofundar sua parceria. Enquanto a China expande investimentos por meio da Iniciativa Cinturão e Rota, a Rússia preserva sua centralidade na segurança regional e sua influência financeira. O estudo argumenta que, apesar da ascensão chinesa, a Ásia Central tornou-se um espaço de acomodação estratégica, no qual as duas potências evitam conflitos diretos e consolidam sua presença global.

PALAVRAS-CHAVE
Geopolítica, Rússia, China, Ásia Central

Recebido em 19 de março de 2025
Aprovado em 18 de julho de 2025